

AS MISSÕES CULTURAIS DO SECRETARIADO DE PROPAGANDA NACIONAL E O PAPEL DE EURICO TOMÁS DE LIMA (1940 – 1941)

THE CULTURAL MISSIONS OF THE SECRETARIAT OF NATIONAL PROPAGANDA AND THE ROLE OF EURICO TOMÁS DE LIMA (1940 – 1941)

Pedro Moreira*

pfrmoreira@gmail.com

As Missões Culturais do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) constituíram uma importante iniciativa no início dos anos 40 e tinham como objetivo a realização de vários concertos musicais, com uma palestra temática e recitação de poesia, em várias cidades e vilas de Portugal. O presente artigo procura abordar as missões culturais na sua dimensão política, na ação do SPN de chegar às classes médias dos pequenos centros urbanos, e qual o papel desempenhado pelo pianista e compositor Eurico Tomás de Lima enquanto chefe daquelas missões entre 1940 e 1941. A pesquisa permitiu, a partir de diferentes fontes documentais, perceber: a organização e orgânica das Missões Culturais, contribuindo para um conhecimento mais profundo no âmbito dos objetivos propagandísticos do Estado Novo; o papel central desempenhado por Eurico Tomás de Lima, que tinha várias responsabilidades na implementação e execução desta iniciativa; os intuítos artísticos e musicais dos programas escolhidos.

Palavras-chave: Missões Culturais. Eurico Tomás de Lima. Secretariado de Propaganda Nacional

The Cultural Missions of the Secretariat of National Propaganda (SPN) were an important initiative held in the early 1940s that aimed to organize several music concerts, with other moments that included a thematic lecture and poetry reading, in various cities and towns of Portugal. This article seeks to address the Cultural Missions in their political dimension, mainly the purpose of the SPN to reach the middle classes of small urban centres. We also aim to unveil the role played by the pianist and composer Eurico Tomás de Lima as chief of those missions in 1940 and 1941. The research for this article was based on several documentary sources and made possible to expose: the organization and structure of Cultural Missions, contributing to a deeper knowledge of these initiatives in terms of their propaganda objectives within the scope of the Estado Novo; the central role played by Eurico Tomás de Lima, who had several responsibilities implementing these initiatives; and the artistic and musical scope of the chosen programs.

Keywords: Cultural Missions. Eurico Tomás de Lima. Secretariat of National Propaganda.

* Departamento de Música, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, Universidade do Minho; Departamento de Música, Escola de Artes, Universidade de Évora; Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa. Investigador do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET–md), Portugal. ORCID: 0000-0002-0457-9983.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo refletir acerca das Missões Culturais do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), que decorreram entre 1940 e 1942¹, procurando realçar o papel de Eurico Tomás de Lima² (1908–1989) enquanto chefe desta iniciativa. As Missões Culturais, no quadro das atividades lançadas pelo SPN liderado António Ferro, no início da década de 40, visavam proporcionar um momento cultural com música erudita, poesia e palestras temáticas em várias cidades e vilas de Portugal, destinadas à classe média e elites locais. Todavia, o assunto não foi ainda alvo de estudo aprofundado no que respeita ao seu funcionamento, execução e figuras centrais, destacando-se, no entanto, algumas referências sobre o assunto (Afonso 1998, pp. 30–34; Silva 2005, pp. 509–511). Interessa, pois, perceber vários elementos que permitam uma melhor caracterização não apenas dos objetivos políticos e culturais, mas também da sua implementação e logística, e da participação de figuras relevantes do meio musical, destacando-se principalmente, como veremos, o nome de Eurico Tomás de Lima.

Se por um lado, os discursos oficiais produzidos pelas principais figuras e instituições do regime permitem uma perspetiva acerca da realidade e natureza política, ideológica e propagandística de várias iniciativas (*cf.* Domingos & Pereira 2010), importa convocar e mobilizar outros ângulos relacionais, nomeadamente a dos intervenientes que gravitaram em torno dessas mesmas instituições, o seu papel e a sua ação enquanto indivíduos com a sua agência, perfil intelectual, artístico e ideológico. Por outras palavras, se é fundamental um entendimento e leitura assaz profunda dos discursos oficiais acerca das Missões Culturais, interessará perceber outros contornos, nomeadamente a partir da ação da figura central de Eurico Tomás de Lima, não nos cingindo aqui à sua ação artística e pedagógica já abordada por vários autores (Afonso 1998; Gonçalves 2005; Lessa 2007, 2012), mas focando o papel que desempenhou como chefe das Missões Culturais em 1940 e 1941.

Interessa, pois, realçar neste artigo dois eixos fundamentais que nortearão a análise, nomeadamente: 1) a dimensão política, artística e organizativa das Missões Culturais no quadro do SPN, do Estado Novo e do momento histórico em que se inserem; 2) o papel de Eurico Tomás de Lima enquanto artista e chefe das Missões Culturais na sua articulação com o SPN e respetiva responsabilidade extra-artística.

Ao nível da pesquisa realizada, os eixos definidos emergiram da documentação consultada no espólio de Eurico Tomás de Lima, depositado na Universidade do Minho

¹ Serão abordados os anos 1940 e 1941 em virtude da ligação de Eurico Tomás de Lima às Missões Culturais. No ano de 1942, apesar de existir ainda uma edição desta iniciativa, o pianista e compositor não a integrou, motivo pelo qual não será abordado esse ano. Acresce que, na documentação consultada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, não foi encontrada correspondência relativa a esse ano. Sobre o programa de 1942 e as figuras que integraram a Missão Cultural, *vd.* Leiria (1943, p. 200).

² Optamos neste artigo pela grafia “Tomás” de forma a uniformizar o nome em questão. Em várias fontes consultadas, surgem as grafias “Thomaz” e “Tomaz”.

– Departamento de Música³ e, na Torre do Tombo, as pastas com correspondência relativa às Brigadas de Missões Culturais do SPN, anos de 1940 e 1941, que integra o fundo do Secretariado Nacional de Informação.⁴

2. O SPN e as Missões Culturais: a “semente do espírito”⁵

Sete anos após a criação do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), que ocorrera em 1933, e alavancado pelo conjunto de atividades organizadas em 1940, com as celebrações do duplo centenário (da fundação de Portugal e da restauração da independência) (Paulo 1994), e que culminaria na Exposição do Mundo Português (1940) (Barros 1996, pp. 325–327), o SPN dava um sinal, com as Missões Culturais, de cumprir o desígnio da sua criação, de procurar “elevar o espírito da gente portuguesa no conhecimento do que realmente é e vale, como grupo étnico, como meio cultural, como força de produção, como capacidade civilizadora, como unidade independente no concerto das nações” (Salazar 1939, p. 261).

O SPN teve um papel central no enquadramento cultural e fabricação da imagem do regime e do seu líder no contexto do Estado Novo (Ó 1999; Paulo 1994). O seu raio de ação resultou numa reconfiguração e recontextualização cultural que permitiu a reinvenção de uma nação à imagem do programa autoritário do Estado Novo e do seu líder, António de Oliveira Salazar (1889–1970). A ação de António Ferro (1895–1956) à frente do SPN, e o seu perfil modernista (Ribeiro 2017), resultou num conjunto de iniciativas de centralização, estímulo, controlo e proteção da produção artística enquadradas na denominada Política do Espírito (Ó 1999; Ribeiro 2017), constituindo-se como a “grande fachada de uma nacionalidade” (Ferro 1933, p. 8).

No campo da propaganda, como referido por Daniel Melo, “A mediação está a cargo do Estado, dos seus dirigentes e dos agentes culturais arregimentados. Deste modo, pode caracterizar-se a propaganda oficial como algo estruturante” (2001, p. 41). A ação estruturante do SPN incidirá essencialmente sobre “duas frentes distintas, uma «intelectual» e outra «popular»”, interessando, para o caso em análise, a primeira, ou seja, o modo como procurou enquadrar “a participação da elite produtora e consumidora da «cultura» (no sentido clássico do tema), de que são exemplos as missões e saraus culturais, o bailado Verde Gaio e as revistas *Panorama* e *Atlântico*” (*ibidem*). Como veremos no caso da Missões Culturais, destinadas às classes médias (*cf.* Alves 2007, p. 64), reunindo artistas consagrados do panorama nacional que percorriam várias vilas e cidades de Portugal a fim de *educar* as populações, encontramos uma maior relação com a primeira frente identificada por Daniel Melo, aqui menos ligada com a linha de ação em torno da “cultura popular”. Na “frente intelectual”, no que à música erudita diz respeito, o SPN encarregou-se de apoiar vários “projetos individuais de músicos ideologicamente enquadrados no regime (nomeadamente R. Coelho e I. Cruz), sociedades de concerto [...];

³ Documentação não tratada arquivisticamente.

⁴ A documentação, não tratada arquivisticamente, encontra-se no sub-fundo Repartição da Cultura Popular, 3.^a Secção: Etnografia, Teatro e Música, Série Brigadas de Missões Culturais do SPN, Unidade de instalação: Correspondência Relativa às Brigadas de Missões Culturais do S.P.N., com o código de referência PT/TT/SNI-RCP/C/16/1, com a cota Secretariado Nacional de Informação, cx. 562.

⁵ Expressão utilizada por António Ferro (1950, p. 109).

organização das Missões Culturais [...]” (Silva 2010, p. 861), assim como um conjunto de iniciativas alavancadas pelo “momento 1940” (Silva 2005, pp. 441 e ss.).

Por outro lado, a ação do SPN, marcada pelo empreendimento de Ferro em torno da Política do Espírito, procurou ir ao encontro das populações fora dos grandes centros urbanos com iniciativas como o Teatro do Povo, lançado em 1936 (Santos 2004). Por ocasião da festa dos Prémios Literários de 1939, no Teatro da Trindade, Ferro marcou a diferença entre o Teatro do Povo e as Missões Culturais planeadas para 1940, demonstrando objetivos distintos. Quanto à primeira, referia que se destinava “às aldeias, aos pequenos centros rurais, e tem o fim principal de entreter, educando”; quanto às Missões Culturais, dirigiam-se “a meios e a classes de nível superior” com “finalidade semelhante, mas com a leve nuance de educar, entretendo” (Ferro 1950, p. 109). Acrescia, segundo o diretor do SPN, que o objetivo de levar música ao vivo pudesse proporcionar uma experiência diferente daquela que as populações experimentavam através da escuta radiofónica, referindo que esta resultava em algo “distante, monótona, congelada. Falta-lhe o calor humano, essa maleabilidade e esse aveludado que só as audições directas podem ter.” (Ferro 1950, p. 108). Para o decisor político, não restavam dúvidas acerca do objetivo principal desta iniciativa: “tentar elevar, despretenciosamente, o nível intelectual e artístico das cidades e vilas por onde passarem, despertar ou ressuscitar o gosto pela música e pela poesia, lançar, aqui e além, a semente do espírito.” (Ferro 1950, p. 109).

O relatório/ante-projeto das Missões Culturais foi realizado pelo poeta e funcionário do SPN Augusto de Santa-Rita (1888–1957), que à época ocupava o cargo de adjunto dos Serviços técnicos daquele organismo, e apresentado para apreciação de António Ferro a 7 de dezembro de 1939. O documento previa a realização das “Missões Culturais do SPN” em moldes idênticos aos que seriam efetivados em 1940. Propunha a criação de duas brigadas artísticas que percorreriam “uma o norte e outra o sul do País, contratados por períodos trimestrais” e constituídas por “um conferente, um pianista, um violinista, um cantor e um declamador, masculinos ou femininos” que se apresentariam no “teatro ou club das terras a percorrer”. A proposta apresentava um carácter misto, conciliando programas que deveriam ser “antecipadamente organizados com meticulosa probidade artística e devidamente visados pelo Director do S.P.N.”, e conferências que deveriam ter temáticas “de harmonia com os intuítos moralizadores e construtivos que caracterizam a Obra do Estado Novo” (Santa-Rita 1939).

O objetivo das Missões Culturais era “o de proporcionar às classes médias das cidades e vilas uns momentos de distracção espiritual, elevando o nível moral e intelectual da Grei, e prosseguindo na sua campanha em pról da Política do Espírito” (*ibidem*). A elevação referida encontrava-se na mais profunda matriz do SPN e dos seus pressupostos de ação no quadro do Estado Novo, em particular com iniciativas que se destinavam às classes médias.⁶ As Missões Culturais devem ser, por isso, consideradas não apenas como uma iniciativa cultural do SPN, mas como o reflexo da postura do regime nos anos 30 e 40 que procurou, através das suas instituições e mecanismos de inculcação um “projeto

⁶ A ação do SPN e a sua relação com as classes médias, em particular no que ao uso de elementos da cultura popular no que ao âmbito da política folclorista diz respeito, numa perspetiva de “nacionalização das classes médias” foi abordado por Vera Alves, (2007, pp.169–170 e 273–298).

totalitário de reeducação dos «espíritos», de criação de um novo tipo de portuguesas e portugueses, regenerados pelo ideário genuinamente nacional de que o regime se considerava portador” (Rosas 2019, p. 226).

A integração das classes médias e pequenas elites no âmbito da unidade nacional fabricada pelo Estado Novo procurava uma demonstração inequívoca de que, mesmo em tempo de guerra, como veremos, a paz, a ordem, o equilíbrio, entre outros valores veiculados e reificados pelos discursos oficiais do regime, seria fundamental para afastar as inquietações do momento histórico provocadas pelo cenário beligerante internacional.

2.1. As palestras: do papel da mulher à guerra

As palestras apresentadas no início de cada sessão das Missões Culturais, muitas vezes pelos representantes das estruturas do poder local, e depois por Graciette Branco, com uma duração média de trinta minutos, deveriam versar sobre 5 temas, nomeadamente: a exaltação nacionalista, através da “a) – Vulgarização histórica. Descrição dos principais feitos heróicos da nossa História. Comentários de estímulo patriótico”; a centralidade da família, expressa em “b) – o culto da Família e do Lar. Vínculo”; a temática de Deus e da Religião “c) – Religião. Apologética”; conselhos práticos para o quotidiano, através da “d) – Puericultura. Ensinamentos profiláticos e higiénicos”; e, por fim, a temática dos monumentos e do turismo “e) – Divulgação das belezas artísticas e monumentais de Portugal. Turismo” (Santa-Rita 1939).

Os periódicos da época dão nota da incidência das temáticas abordadas por Graciette Branco, destacando-se o papel da mulher no lar, da família no quadro da nação e assuntos de puericultura. Segundo o periódico *O Primeiro de Janeiro* (4/5/1941), numa palestra, Graciette Branco justificou “o objetivo das Missões culturais do S.P.N. e exalta a Família. Exprime qual deve ser o papel da Mulher na sociedade actual. Ela pode ser artista, poetisa, médica, funcionária sem nunca deixar de ser feminina, sem nunca se esquecer dos arranjos domésticos, do embelezamento da sua casa”. O carácter missionário da iniciativa procurava assim, em cada vila e cidade, reforçar o papel da mulher e da família na orgânica e quadro ideológico do Estado Novo (cf. Pimentel 2011).

No único texto encontrado referente a uma palestra proferida no âmbito das Missões Culturais, denota-se também um discurso que procura instrumentalizar o momento da II Guerra Mundial, passando uma ideia de Portugal enquanto país caracterizado pelo “Socego e paz que se gozam neste cantinho da Europa”. Como referido na palestra, “Enquanto uns se debatem em batalhas cruentas e tão desumanas e outros, duvidosos do dia de amanhã, preparam a defeza das suas fronteiras, Portugal, cheio de calma, executa o programa da sua grandeza histórica, cheio de orgulhoso patriotismo [...]” (SPN ca.1940/1941).

As palavras escolhidas revelam o sentido nacionalista e de exaltação patriótica que se pretendia com as Missões Culturais, num momento em que o cenário da II Guerra Mundial era apresentado como algo distante, a partir de um país que reclamava a paz perante o cenário beligerante, num contexto de uma ‘neutralidade’ fundamental para a

própria “subsistência do regime” (Rosas 1998, p. 267).⁷ A iniciativa procura marcar, na perspectiva dos seus intervenientes, um sentido, um rumo que se contrapunha à *desordem* exterior, amplamente propagandeado na imagem do chefe da nação: “E Portugal, tem hoje à frente dos seus desígnios homens de visão e de fé, de clarividência, diplomacia e também consciência, há-de, por Deus, sair orgulhosamente digno e honrado deste cataclismo que assola a Europa Inteira”. Acrescenta depois “E assim vai o nosso Governo orientando em período de guerra, o programa que traçou em tempo de paz. E tudo segue em ritmo calmo e ordenado, só com o objetivo de chegar ao fim, deixando a Pátria mais engratecida, Portugal mais forte e digno dos seus destinos e da sua história” (SPN ca. 1940/1941).

Os aspetos referidos nesta palestra encontravam-se em linha com as intervenções iniciais das autoridades locais, que reforçavam o carácter da iniciativa, assim como a obra do Estado Novo. São várias as referências à apresentação prévia, como ilustra a seguinte notícia a propósito da Missão Cultural em Guimarães:

A apresentação dos artistas foi feita pelo nosso presado amigo, ilustre chefe da Secretaria Municipal e apreciado poeta, o snr. Dr. Américo Durão [...]. Disse-nos o que podíamos esperar dos cultores da Arte que nos visitavam, exaltou a obra do S.P.N., teve palavras de admiração para António Ferro e para a sua política do Espírito, e a proposito, falou-nos de Salazar, da sua Obra e de quanto Portugal lhe deve. Foi aplaudido. (*O Comércio de Guimarães*, 16/05/1941)

Numa carta a António Ferro, queixando-se de uma crónica musical publicada no periódico *Comércio do Porto*, de 14 de abril de 1940, Eurico Tomás de Lima confirma o alcance político das Missões culturais:

Nota-se nos habitantes das vilas e cidades que visitamos, um íntimo reconhecimento pelo Estado Novo, que assim lhes proporciona uns momentos de refrigério para os seus espíritos, e onde o nome do Doutor Oliveira Salazar, nosso chefe e nosso guia, assim como o nome ilustre de V. Exca., é levantado em vibrantes e espontâneas saudações. (Lima 1940c)

As palavras de Eurico Tomás de Lima permitem-nos perceber o acolhimento das Missões Culturais, destacando o alcance político e ideológico da iniciativa.

3. Eurico Tomás de Lima: o chefe da Missão Cultural

A escolha de Eurico Tomás de Lima para o cargo de chefe das Missões Culturais surgiu, certamente, do seu posicionamento no meio artístico da época, enquanto um dos mais respeitados pianistas virtuosos e compositores da sua geração (Lessa 2012). Nascido em Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, Açores, mudou-se com a família para Lisboa com 18 meses, onde o seu pai, o violinista António Tomás de Lima (1887–1950), desenvolvia uma intensa atividade musical. Foi em Lisboa, no Conservatório Nacional, que fez a sua

⁷ A política de neutralidade de Portugal apresenta um “jogo de equilíbrios” fundamentais à sobrevivência do regime no contexto de uma guerra “fortemente ideologizada, surgindo como um combate entre as «democracias» e o «totalitarismo»” (Rosas 1998, p. 267).

formação musical, terminando o curso superior de piano em 1929 e tendo como professores de piano Viana da Mota e Rey Colaço. Seguir-se-ia uma intensa atividade concertística, assim como a afirmação como compositor e pedagogo. Em 1931, a convite de Tomás Borba, assumiu a docência da classe de piano da Academia dos Amadores de Música, cargo que abandonaria no ano seguinte, para rumar ao Porto, como diretor artístico e professor de piano da Academia Mozart (Gonçalves 2005). Os vários recitais nos anos 30, nos quais também interpretava obras suas, assim como algumas transmissões radiofónicas e circulação nos jornais com críticas positivas, permitiram a notoriedade que conduziria à escolha realizada por António Ferro. No âmbito das Missões Culturais, os seus méritos enquanto pianista de craveira internacional (*cf.* Lessa 2007) eram notados, não apenas nas secções a solo, como no acompanhamento dos restantes músicos:

Eurico T. de Lima, foi para nós o artista que mais nos impressionou, pela extraordinária tenacidade como que desempenhou a sua tarefa extremamente fatigante, visto que colaborou integralmente em toda a parte musical. A nossa apreciação crítica terá que dissociá-lo em duas partes: como acompanhador e como solista. Se ao concertista cabem elevados méritos pela responsabilidade do seu trabalho puramente individual, aqueles não devem ser menosprezados ao acompanhador, não só porque cota parte do seu labor se destaca isoladamente. (*O Setubalense* 22/03/1941)

Como outros compositores e músicos do seu tempo, Eurico Tomás de Lima colaborou com as instituições oficiais do Estado Novo, numa época em que músicos e compositores se viam perante um campo musical centralizado no Estado (*cf.* Castro & Nery 1991, pp. 170–171). Eurico Tomás de Lima obteve uma relevante reputação na colaboração com as instituições do Estado Novo, sobretudo no início dos anos 40, como revelam os prémios atribuídos pela Emissora Nacional, nomeadamente a Menção Honrosa nos “Jogos Florais da Primavera”, na categoria de “Canção para Canto e Piano” em 1940, com a obra *Canção para canto e piano*, interpretada por Esmeralda Alves e Julieta Boavista e, no ano seguinte, o primeiro prémio “Papoila de Ouro” (Gonçalves 2005, p. 41).

Enquanto compositor, o conjunto da sua produção revela um “cunho marcadamente nacionalista”, numa linguagem musical “apegada às convenções tonais”, mas com incursões pontuais nas “tendências modernas da época”, partindo maioritariamente de temas ou elementos de inspiração folclórica (Lessa 2012, p. 58). De resto, as Missões Culturais terão contribuído para o contacto com diversas práticas musicais locais ou de inspiração para obras que compôs, destacando-se em particular a suite em oito quadros intitulada *Algarve*, de 1941 (*cf.* Matos 2020, pp. 482–484), e outras obras que se seguiram, inspiradas em melodias de matriz rural.

Denota-se, todavia, uma progressiva alteração da sua posição em meados dos anos 40, como no caso da obra para piano *Buchenwald* (1945), referida na partitura como “protesto musical”, causando incómodo aos organizadores quando esta foi interpretada, uma vez “que temiam represálias do regime” (Lessa 2012, p. 64). Como notado pela autora, “Eurico Tomás de Lima manteve-se, no entanto, fiel às suas convicções políticas defendendo a democracia e contestando o regime de Salazar, participando em animadas tertúlias como acontecia no Café da Brasileira, no Porto” (*ibidem*). A progressiva tomada

de posição política, a partir de meados dos anos 40, valeria ao pianista e compositor a impossibilidade de lecionar em escolas estatais até 1972, altura em que aceitou, com 64 anos, o cargo de professor de piano no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, em Braga (*idem*, p. 65).⁸

3.1. As funções do chefe da Missão Cultural

Eurico Tomás de Lima foi convidado pelo SPN para chefe da Missão Cultural, Brigada do Norte, em 1940, tendo a Brigada do Sul ficado a cargo do pianista José Novais (1907–1979). No ano seguinte, decorrente de uma alteração implementada pelo organismo supracitado, o pianista e compositor assumiu a chefia da Missão Cultural, que se apresentaria com um único elenco artístico para todo o país, norte e sul.

Numa carta a António Eça de Queiroz (1891–1958), sub-diretor do SPN, Eurico Tomás de Lima mostrava a sua surpresa por, após os contactos preliminares que indicavam o início das Missões Culturais a 1 de março de 1940, não ter ainda, a 29 de fevereiro, recebido qualquer indicação sobre as mesmas, nem “ordem de partir para a Capital, para tomar parte nos trabalhos de ensaios, organização de programas, etc.” (Lima 1940a). Se no campo artístico Eurico não tinha ainda informação, teria também de aguardar para saber ao certo quais as funções a desempenhar.

A 27 de março de 1940, o SPN enviou o regulamento da missão a Eurico, assinado em nome do sub-diretor do SPN por Luís Nunes da Silva, delegado daquele organismo que havia selecionado o itinerário do Teatro do Povo (Patrão 2012, p. 63), e no qual constavam as funções do chefe da Missão Cultural. O regulamento previa 10 pontos que incidiam sobre aspetos disciplinares, como o controlo da disciplina dos elementos do grupo (1.º ponto) ou garantir que nenhum membro se ausentasse sem o conhecimento do SPN, mesmo nos dias de folga (7.º ponto); de organização e logística, como o contacto com as autoridades e representantes locais para garantir o bom funcionamento das Missões (2.º) ou gerir aspetos relacionados com avarias do carro, doença dos elementos (6.º); a comunicação diária por escrito ao SPN de todas as ocorrências dos espetáculos, números de espetadores (3.º ponto), assim como alterações ao programa e itinerário (4.º ponto), e instruções para cumprimento dos mesmos (5.º ponto); tomada de decisão quanto ao alojamento (8.º ponto) ou à utilização do “Auto-Car” (9.º e 10.º ponto) (Silva 1940).

É através da incumbência atribuída ao chefe da Missão que temos conhecimento, por via das comunicações entre Eurico Tomás de Lima e o SPN e vice-versa, de alguns acontecimentos a propósito de aspetos disciplinares. Destaca-se, por exemplo, um ofício de 18 de março de 1941, assinado por Francisco Lage (1888–1957), alertando o chefe das Missões Culturais para o cumprimento do regulamento disciplinar pelo qual era responsável, a propósito da não utilização da farda oficial por parte do motorista. Nas palavras de Lage: “A liberdade do ano passado tem de acabar para bem de todos.” (Lage

⁸ A propósito das posições políticas de Eurico Tomás de Lima, Afonso refere, a partir do testemunho do filho do compositor e pianista, que este viveu, a partir dos anos 50, num clima tenso com as instituições oficiais, nomeadamente quando solicitaram que prestasse provas para ingressar na carreira no Conservatório do Porto, perante um júri de “qualidades duvidosas”, referindo outras posições do compositor (1998, pp. 37–39).

1941a), revelando um descontentamento com a suposta falta de disciplina que se verificara. Destacam-se também, nas funções atribuídas ao chefe da missão cultural, a gestão das quantias enviadas por vale de correio pelo SPN, para despesas e pagamento de vencimentos.⁹ Caberia também a Eurico zelar pela “máxima economia”, o que implicava, por exemplo, “conseguir a colaboração das câmaras nas afinações dos pianos” (Alvellos 1940).

Os bilhetes postais enviados ao SPN, assim como outros formatos (cartas e telegramas) revelam, todavia, algumas dificuldades encontradas nos locais em que as Missões Culturais deveriam ter lugar, em particular no que à qualidade dos pianos dizia respeito. Segundo Eurico Tomás de Lima, em carta de 11 de abril de 1940, enviada de Aveiro para o SPN, a Missão Cultural não pode ser realizada em Ílhavo “porque o piano que nos apresentaram, além do seu estado deplorável de caducidade, encontrava-se pavorosamente desafinado. Era humanamente impossível tocar a solo, e o violino não podia sêr afinado” (Lima 1940b). Destaca-se também um episódio em Caminha, relatado numa carta enviada e assinada por todo o elenco artístico da Missão Cultural. Quando questionaram o Presidente da Câmara acerca do piano e da impossibilidade de ser utilizado no estado em que se encontrava, este “perdeu a serenidade” e disse “Ninguém os chamou cá. Se não serve vão-se embora. Não lhes posso arranjar outra ‘gaita’ (!!”, finalizando com “os senhores exigem coisas que em Portugal não existem”, nomeadamente, como referem os subscritores, “Como se fôsse muito extraordinário desejármos um piano com todas as cordas!” (Lima *et al.* 1941).

Deste modo, é possível verificar que, para além do papel artístico que desempenhava, Eurico Tomás de Lima tinha de responder perante o SPN, garantindo a logística diária para que cada concerto se realizasse sem problemas. No ano seguinte, 1942, Eurico Tomás de Lima foi substituído pelo pianista e compositor Armando José Fernandes, que liderou a última iniciativa das Missões Culturais (Leiria 1943, p. 200).¹⁰

4. A implementação das Missões Culturais: aspetos de um roteiro (1940 – 1941)

A implementação das Missões Culturais, no que aos locais e roteiro diz respeito, resultou de um conjunto de ofícios enviados pelo SPN aos Governadores Civis, a fim de auscultarem os Presidentes de Câmara e fazer um levantamento das localidades a visitar e assim estabelecer um roteiro. Os ofícios enviados enquadravam a iniciativa no seu propósito propagandístico e temporal (março, abril e maio). As brigadas, explicava o ofício, seriam “formadas por intelectuais e artistas de ambos os sexos, em número de cinco pessoas”, que teriam como função apresentar “uma palestra de intenções educativas, alguns trechos selecionados de música e canto, versos declamados, dos nossos melhores poetas” (SPN 1941). Caberia aos Governadores Civis estabelecerem um

⁹ Os vencimentos pagos aos elementos da Missão em 1940 consistiam na remuneração mensal de 1500 escudos, com uma ajuda de custo de 40 escudos diários, com exceção do chefe da Missão que recebia 1700 escudos mensais, assim como do motorista Mário Silva Reis que recebia 606 escudos e 70 centavos. Em 1941, os valores dos vencimentos mensais foram atualizados, mantendo-se a ajuda de custo diária. Eurico Tomás de Lima auferia o vencimento de 1800 escudos mensais.

¹⁰ Não foi encontrada, na documentação pesquisada, qualquer indicação acerca do motivo de, em 1942, não ter sido convidado para continuar a chefiar as Missões Culturais.

itinerário que, uma vez aprovado pelo SPN¹¹, seguia para os Presidentes das Câmaras Municipais, a fim de acautelarem a logística necessária à realização das sessões. Uma vez aprovado o itinerário, pelo SPN, era comunicado a Eurico Tomás de Lima, a fim de garantir as condições para a sua realização.

A primeira apresentação da Missão Cultural, Brigada do Norte, teve lugar em Soure, a 28 de março de 1940, inaugurando várias apresentações no distrito de Coimbra, seguindo-se os Distritos de Aveiro, Viseu e Bragança, terminando no dia 25 de maio em Carrazeda de Ansiães. Apesar da divisão em duas brigadas, é possível perceber que a Brigada do Sul, cuja atividade se encontra balizada entre 15 de abril e 7 de junho¹², percorre os distritos de Lisboa, Santarém, Leiria, Castelo Branco e Portalegre, deixando uma parte considerável do sul do país por explorar. No total, foram realizadas cerca de 47 apresentações públicas pela Brigada do Norte em 1940, destacando-se os concertos em Anadia (9 de abril) e Lamego (10 de maio) com assistência de 1000 pessoas cada, seguido das apresentações em São João da Madeira (19 de abril) e em Mirandela (22 de maio), com 800 pessoas cada, contrastando com as 150 pessoas no público em Santa Comba Dão (1 de maio) ou Carrazeda de Ansiães (25 de maio). A maior parte dos recitais contava com um público superior, em número, a 350, perfazendo uma média de mais de 520 espetadores por sessão (vd. Anexo 1).

A Missão Cultural de 1941, sem a divisão em duas brigadas, procurou cobrir uma área geográfica que incluísse distritos não contemplados no ano anterior. Como referido no periódico *Diário de Notícias*,

A iniciativa do S.P.N., ao criar as duas brigadas de missão cultural, que percorreram no ano passado dezenas de cidades e vilas, levando às respectivas populações algumas horas de arte e entretenimento espiritual, vai ter agora a devida continuidade. Com o objetivo de valorizar o mais possível esta realização, o secretariado concentrou este ano numa só brigada, dando-lhe assim maior latitude de acção alguns dos elementos da mais elevada categoria artística do nosso meio. (*Diário de Notícias*, 16/03/1941)

No ano de 1941, as Missões Culturais tiveram o seu início a 15 de março, em Almada, no Teatro Incrível Almadense. Foram percorridas várias cidades e vilas do distrito de Setúbal, seguindo-se depois os distritos de Faro, Beja, Évora, Porto, Braga e Viana do Castelo, terminando com uma sessão extra no Porto, no Teatro Gil Vicente, a 29 de maio (vd. Anexo 2). A apresentação pública com mais público teve lugar no Theatro Circo, em Braga, (16 de maio) com 1800 espetadores, seguindo-se Póvoa de Varzim, no Teatro Garret (5 de maio) com 1500 espetadores, Estremoz, no Teatro Bernardim Ribeiro (23 de abril), com 1400 espetadores, e.o., contrastando com Celorico de Basto (12 de maio), Vila do Conde (6 de maio), Vila Viçosa (22 de abril) com 150 espetadores. No

¹¹ No Arquivo Nacional Torre do Tombo (PT/TT/SNI-RCP/C/16/1 – Secretariado Nacional de Informação, cx. 562) existem vários officios enviados aos Governadores Cívicos, assim como as respectivas respostas com a proposta de itinerários, dizendo respeito aos anos de 1940 e de 1941.

¹² A apresentação da Brigada Sul teve início a 15 de Abril, em Loures, percorrendo diferentes vilas e cidades do distrito de Lisboa, Santarém, Leiria, Castelo Branco e Portalegre. A última apresentação teve lugar a 7 de junho em Alter do Chão. Para uma listagem completa das cidades e vilas, consultar Leiria (1941, pp. 207–208).

entanto, a maior parte das sessões superava os 300 espetadores, numa média de cerca de 550 espetadores por sessão (vd. Anexo 2).

O público que enchia as salas em cada vila e cidade era, na sua maioria, convidado pelas Câmaras Municipais, que procuravam incluir membros ilustres da sociedade e assim garantir o cumprimento dos desígnios estabelecidos pelo SPN de alcançar as classes médias: “A assistência foi selecta, nela se vendo, além de muitas distintas senhoras, algumas das individualidades representativas do nosso meio social” (*Diário do Alentejo*, 14/04/1941). O roteiro delineado pelo SPN, em acordo com os Governadores Cívicos e com os Presidentes das Câmaras Municipais, resultou numa receção positiva da iniciativa daquele organismo, com vários periódicos a manifestarem o seu apreço pelo programa e pelos elementos da brigada, cumprindo amplamente os objetivos da iniciativa.¹³

5. Um programa para as classes médias

A educação artística e estética da população portuguesa no seu conjunto, rural e urbano, tornou-se num dos mais importantes desígnios do programa de António Ferro para o SPN (Alves 2007; Ribeiro 2017). A *elevação* do nível cultural das populações rurais e das pequenas cidade e vilas, enquanto expressão da “Política do Espírito” e da “Campanha do Bom Gosto” (cf. Ribeiro 2017) deveria traduzir-se, no caso das Missões Culturais, num programa que fosse de encontro a esse objetivo. Pretendia-se integrar as classes médias na ordem estabelecida pelo Estado Novo, concedendo-lhes um momento de “prazer espiritual”, mas satisfazendo, ao mesmo tempo, “le désir de *consommation* artistique chez les classes moyennes des petits centres urbains” [o desejo de consumo artístico entre as classes médias dos pequenos centros urbanos] (Silva 2005, p. 510). A integração na vida da nação, a partir da ligação ao repertório erudito e a artistas relevantes do panorama nacional permitiriam “l’illusion d’une progression sociale possible” [a ilusão de uma progressão social possível] (*ibidem*). Não se tratava apenas do acesso ao repertório erudito, mas também a um imaginário que permitia reforçar nas classes médias e elites locais o seu estatuto ao mesmo tempo que se criava a ilusão de “progressão social”.

O programa artístico da “Brigada do Norte”¹⁴ ficou a cargo de Eurico Tomás de Lima, com uma escolha de obras musicais que articulou com os instrumentistas contratados pelo SPN.¹⁵ A “Brigada do Norte” contava com a participação de Eurico Tomás de Lima (como pianista), do violinista Herberto de Aguiar, da cantora Arminda Correia (1903–1988), e da declamadora Graciette Branco (1905–1980).¹⁶ A programação artística, dividia-se em 4 partes: Piano (por Eurico Tomás de Lima), Recitação de poesia

¹³ Os álbuns de recortes de imprensa referentes aos anos 1940 e 1941, elaborados por Eurico Tomás de Lima e depositados no seu Espólio na Universidade do Minho, contêm várias notícias de jornais regionais que fazem referência ao público que assistia à iniciativa do SPN (*Álbum de recortes de imprensa das Missões Culturais*. 1940 e 1941).

¹⁴ O programa da “Brigada do Sul” terá ficado a cargo do Pianista José Novais.

¹⁵ A Missão Cultural – Brigada do Sul, de 1940, era constituída por José Novais, piano, Elisa Reis, violino, Almerinda Monteiro, canto, Maria Sprangler, declamadora. Surgem também associados à missão os nomes de José Martins, Luiz Simões e Carlos da Cunha e Vasconcelos (Leiria 1941, p. 207).

¹⁶ Graciette Branco era casada com Augusto de Santa-Rita, de quem se viria a divorciar.

(por Graciette Branco), Violino (por Herberto de Aguiar, acompanhado ao piano) e Canto (Arminda Correia, acompanhada ao piano). Para o efeito, Eurico Tomás e Lima delineou dois programas musicais (Leiria 1941, p. 206) com obras curtas na sua duração, acomodando vários compositores estrangeiros e portugueses num alinhamento que se queria eclético e acessível ao público. Por indicação do SPN, a poesia declamada ocupava também o seu lugar no programa (*ibidem*). A existência de dois programas permitia que fossem interpretados alternadamente nos dias e locais em que se realizavam as Missões Culturais (*idem*, p. 207).

No campo da música erudita de compositores portugueses, destacam-se no primeiro programa obras do próprio Eurico Tomás de Lima, assim como de outros compositores, nomeadamente na secção de canto, na qual surgem nomes como Rui Coelho (1892–1986), Luís de Freitas Branco (1890–1955) e Viana da Mota (1868–1948). No segundo programa (*vd.* Quadro 1), figuram obras para piano de Alexandre Rey Colaço (1854–1928), e canções dos compositores Francisco de Lacerda (1869–1934) e Jorge Croner de Vasconcelos (1910–1974). O programa incluía ainda compositores internacionais consagrados, como F. Chopin, R. Strauss, W. A. Mozart, C. W. Gluck, G. Fauré, privilegiando também as escolas nacionais (E. Granados, P. Sarasate, I. Albeniz) e arranjos virtuosísticos de F. Kreisler ou Wilhelm (Silva 2005).

A parte da recitação de poesia, da responsabilidade de Graciette Branco, incluía poetas e poetisas exclusivamente portuguesas, como António Nobre (1867–1900), Virgínia Vitorino (1895–1967), Fernanda de Castro (1900–1994), Augusto de Santa-Rita, Luís de Camões, incluindo também textos de sua autoria. No ano de 1940, os programas contaram com notas ao programa de Ernesto Halffter (1905–1989), ele próprio discípulo de Manuel de Falla e casado com a pianista Alice Câmara Santos (Silva 2005, p. 511).

O programa das Missões Culturais de 1941, no modelo de brigada única, oferece algumas novidades na sua organização. O convite do SPN a Eurico Tomás de Lima para participar na Missão Cultural de 1941, a ter início em Março, chegou por carta dos serviços exteriores daquele organismo (Lage 1941b), a 14 de fevereiro, tendo sido prontamente aceite pelo pianista e compositor. A equipa da Missão Cultural de 1941 manteria apenas, comparativamente a 1940, Eurico Tomás de Lima e Graciette Branco, juntando ao elenco a violoncelista Madalena Moreira Sá e Costa (n. 1915), a cantora Leonor Viana da Mota (1912–1972), o violinista Paulo Manso (1896–1982) e o cantor João Sampaio Brandão (1908–1952).

Quadro 1. Primeiro e segundo programas da Missão Cultural – Brigada Norte, 1940

1.º Programa			2.º Programa		
Parte	Obra	Compositor/autor	Parte	Obra	Compositor/autor
I – Piano	<i>Fandango</i>	Eurico T. de Lima	I – Piano	<i>Vira</i>	Rey Colaço
	<i>Minueto</i>			<i>Mazurka</i>	
	<i>Dança Portuguesa</i>			<i>Valsa</i>	F. Chopin
	<i>Polaca</i>			F. Chopin	<i>Seguidillas</i>
II – Recitações	<i>Soneto</i>	António Nobre	II – Recitações	<i>Soneto</i>	Luís de Camões
	<i>Hesitação</i>	Virgínia Vitorino		<i>A passagem do círio</i>	Fernanda de Castro
	<i>Mar Português</i>	Fernando Pessoa		<i>O Preto, Papusse, Papão</i>	A. de Santa-Rita
	<i>Galo da Manhã</i>	Graciette Branco		<i>Conselhos</i>	Graciette Branco
III – Violino	<i>Avé Maria</i>	Schubert-Wilhelm	III – Violino	<i>Gavotte</i>	L. V. Beethoven
	<i>Rondó</i>	Mozart-Kreisler		<i>Dança eslava</i>	Dvöřak-Kreisler
	<i>Dança espanhola</i>	P. Sarasate		<i>Rondó</i>	Schubert-Wilhelm
IV – Canto	<i>Nina</i>	G. B. Pergolesi	IV – Canto	<i>O del mio dolce ardor</i>	C. W. Gluck
	<i>Voi che sapete</i>	W. A. Mozart		<i>Danza, danza fanciulla</i>	F. Durante
	<i>Rêve Crépusculaire</i>	R. Strauss		<i>Après um rêve</i>	G. Fauré
	<i>El majo discreto</i>	E. Granados		<i>Desde que os cravos</i>	F. de Lacerda
	<i>Melodia de amor</i>	Rui Coelho		<i>Não morreu nem acabou</i>	
	<i>Aquela Moça</i>	Luís de F. Branco		<i>Descalça vai para a fonte</i>	
	<i>Lavadeiras e caçador</i>	Viana da Mota		<i>No turbilhão</i>	

Fonte: quadro elaborado pelo autor a partir de Leiria (1941, p. 206)

A estrutura dos dois programas definidos apresenta algumas diferenças quando comparada com a de 1940, nomeadamente cinco secções musicais (Violoncelo, Canto, Piano, Violino, Canto), sendo duas de canto, e a não indicação da parte de recitação dos poemas. As obras musicais escolhidas procuravam, mais uma vez, incluir os compositores do cânone da música erudita ocidental, bem como obras de compositores portugueses. Ao nível da estrutura, é de assinalar a diferença relativamente a 1940, com a presença de dois cantores, cada um com uma secção a si destinada (*vd.* Quadro 2). Nos dois programas

delineados, figuram compositores como W. A. Mozart, G. B. Sammartini ou F. Liszt; representantes de escolas nacionais, como G. Fauré, H. Duparc, N. Rimski-Korsakov, M. Mussorgski, E. Halffter entre outros; e compositores portugueses como Viana da Mota, Luís de Freitas Branco, Rui Coelho ou Fernando Lopes-Graça (1906 – 1994). Este último, surge no 1.º programa de 1941 com a obra para canto e piano “*Era ainda Pequeninina*”, incluída no 1.º ciclo de *Canções populares portuguesas* que escreveu entre 1939 e 1942.

Quadro 2. Primeiro e segundo programas da Missão Cultural – 1941

1.º Programa			2.º Programa		
Parte	Obra	Compositor	Parte	Obra	Compositor
I – Violoncelo	<i>Sonata</i>	G. B. Sammartini	I – Violoncelo	<i>Élegie</i>	G. Fauré
	a) Allegro			<i>Sonata</i>	
	b) Grave			a) Largo	
	c) Vivace			b) Allegro con spirito	H. Eccles
	<i>Aprés um rêve</i>	G. Fauré		c) Adagio – vivace	
	<i>Rondo</i>	L. Boccherini		<i>Largo</i>	Haendel
II – Canto	<i>Minueto Cantado</i>	José Bassa	II – Canto	<i>Le chef d'armée</i>	M. Mussorgski
	<i>Tristesse</i>	G. Fauré		<i>Vilancico de Cordoba</i>	Joaquín Nin
	<i>El Vito</i>	Joaquín Nin		<i>Granadina</i>	
	<i>Aquela Moça</i>	Luís de F. Branco		<i>Morena</i>	António Fragoso
	<i>Tagapanema</i>	Waldemar Henrique			I. Paderewski
III – Piano	<i>Fantasia</i>	Eurico T. de Lima	III – Piano	<i>Minuete</i>	I. Paderewski
	<i>Prelúdio e Allegro</i>	Pugnani-Kreisler		<i>Rapsódia Húngara n.º 6</i>	F. Liszt
IV – Violino	<i>Estrelita</i>	Ponce-Heifetz	IV – Violino	<i>Hino ao Sol</i>	Rimsky-Korsakoff
	<i>Fantasia portuguesa</i>			<i>Improviso sobre uma cantiga do povo</i>	Cláudio Carneiro
	a) Fado	Rui Coelho		<i>Havanaise</i>	C. Saint-Saens
	b) intermezzo			<i>Le papillon</i>	A. Campra
	c) Rapsódia		<i>Serenata</i>	F. Schubert	
V – Canto	<i>Aleluia</i>	W. A. Mozart	V – Canto	<i>Canção perdida</i>	Viana da Mota
	<i>Chanson Triste</i>	H. Duparc		<i>La niña que se va al mar</i>	E. Halffter
	<i>Duas canções espanholas</i>	Manuel de Falla		<i>Ária da «Madame Butterfly»</i>	G. Puccini
	<i>Era ainda pequeninina</i>	F. Lopes-Graça			
	<i>Lavadeira e Caçador</i>	Viana da Mota			

Fonte: quadro elaborado pelo autor a partir de Leiria (1942, p. 221)

A escolha de Lopes-Graça¹⁷ para um programa do SPN é de assinalar, pois, como refere Mário Vieira de Carvalho, o compositor

[...] tornara-se um crítico implacável das correntes nacionalistas, quer na arte, quer na política, assim se demarcando também do programa de folclorização do Estado Novo. Com o primeiro ciclo de 24 canções populares portuguesas para canto e piano, escritas entre 1939 e 1942, procurou iniciar um projeto próprio, de busca de uma identidade nacional alternativa. (Carvalho 2010, p. 710).

Para além dos programas apresentados, Eurico Tomás de Lima informa o SPN que, em vários concertos, alguns artistas tiveram de interpretar, a pedido do público, obras extraprograma, voltando duas ou três vezes ao palco, revelando assim o entusiasmo da plateia perante os músicos e a iniciativa.

As Missões Culturais tiveram ainda uma terceira edição, no ano de 1942, liderada por Armando José Fernandes, em moldes idênticos (Leiria 1943, p. 200), com um programa artístico semelhante, destinado às classes médias. O abandono da iniciativa, que não prossegue em 1943, poderá ficar a dever-se a constrangimentos orçamentais do SPN e ao facto de António Ferro ter assumido, em 1941, o cargo de diretor da Emissora Nacional (Silva 2005, p. 511), organismo onde colocará em marcha uma política de produção musical de “aportuguesamento” destinada ao consumo das classes médias, que via na radiodifusão, com maior cobertura nacional, novas possibilidades de chegar às populações dos pequenos centros urbanos (Moreira 2012).

6. Notas finais

No discurso proclamado a 26 de outubro de 1933, na inauguração do SPN, Salazar refere que o programa daquela instituição iria ser cumprido “com a colaboração dos maiores valores portugueses dispostos a trabalhar nesta cruzada, e com alegria, com sentimento, com alma” (Salazar 1939, p. 262). Ora, as Missões Culturais, respondiam, como vimos anteriormente, a vários aspetos programáticos do SPN, mobilizando e dando a oportunidade profissional a artistas relevantes do panorama nacional, quer ao nível da sua participação artística, quer no seu envolvimento logístico e organizacional, como vimos com o caso de Eurico Tomás de Lima.

O artigo procurou incidir sobre dois níveis de análise. O primeiro relacionado com uma leitura das Missões Culturais no âmbito da política do SPN, do “momento 1940” (Silva 2005), e da inculcação da matriz de valores do Estado Novo através das palestras, e com o momento internacional que, como vimos, marcou a ideia de uma ‘paz espiritual’ associada à iniciativa especialmente destinada às classes médias dos pequenos centros urbanos. O segundo nível foi construído a partir do papel desempenhado por Eurico Tomás de Lima enquanto chefe da Missão Cultural, permitindo perceber os aspetos relacionados com as tarefas e funções que desempenhou, nomeadamente: como

¹⁷ No final dos anos 30 e início dos anos 40, a relação de Lopes-Graça com o poder político é tensa, como revela Carvalho (2010, p. 710). A propósito da ligação entre Lopes-Graça e Eurico Tomás de Lima nos anos 40 (cf. Lessa 2012, p. 60).

representante do SPN junto do poder local; na dimensão organizativa e logística dos vários recitais; na de programação artística, que incluía a escolha dos programas musicais; e na vertente de músico que acompanhava todos os outros e também como solista.

Foi possível concluir, para além dos aspetos relacionados com o roteiro, público ou programa artístico, que existia uma dimensão disciplinar e de organização relevante a esta iniciativa que recaía sobre o chefe da Missão, em estrita colaboração com o SPN e com os seus funcionários, permitindo a realização das sessões nos anos de 1940 e 1941. Tal como outros músicos e compositores do seu tempo, Eurico Tomás de Lima colaborou com instituições do Estado Novo, aceitando as funções e responsabilidades nele delegadas, afastando-se progressivamente do espectro dessas mesmas instituições (Lessa 2012).

Por fim, o contacto com os arquivos permitiu perceber que um entendimento mais aprofundado das Missões Culturais requererá, no futuro, um estudo dos aspetos relacionados com a receção da iniciativa, através dos periódicos locais e regionais, assim como uma reflexão acerca das figuras das elites locais e da sua ligação com as instituições do Estado Novo.

Referências

- Álbum de recortes de imprensa das Missões Culturais (1940 e 1941). Espólio Eurico Tomás de Lima. Departamento de Música (ILCH), Universidade do Minho, Braga.
- Alvellos, J. (1940, maio 6). [Ofício do SPN enviado Eurico Tomás de Lima]. Espólio Eurico Tomás de Lima. Departamento de Música (ILCH), Universidade do Minho, Braga.
- Afonso, M. (1998). *Eurico Thomaz de Lima, uma vida pela Música* (Trabalho de Projecto, Curso de Estudos Superiores Especializados. Universidade do Minho, Braga).
- Alves, V. (2007). «Camponeses Estetas» no Estado Novo: Arte popular e nação na política folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional (Tese de doutoramento, ISCTE, Lisboa).
- Barros, J. (1996). Exposição do Mundo Português. In J. Brandão de Brito & F. Rosas (Dirs.). *Dicionário de História do Estado Novo* (Vol. 1, pp. 325–327). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Carvalho, M. (2010). Fernando Lopes-Graça. In S. Castelo-Branco (Dir.). *Enciclopédia da música em Portugal no século XX* (Vols. L–P, pp. 707–722). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Castro, P., & Nery, R. (1991). *História da música portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Domingos, N., & Pereira, V. (Eds.). (2010). *O Estado Novo em questão*. Lisboa: Edições 70.
- Ferro, A. (1950). *Prémios Literários: 1934–1947*. Lisboa: SNI.
- Ferro, A. (1933). *Salazar, o homem e a sua obra*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- Gonçalves, C. (2005). *Obras para a infância de Eurico Thomaz de Lima: Os duetos para piano* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga).
- Lage, F. (1941a, fevereiro 14). [Ofício do SPN a Eurico Tomás de Lima]. Espólio Eurico Tomás de Lima. Departamento de Música (ILCH), Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Lage, F. (1941b, março 18). [Ofício do SPN a Eurico Tomás de Lima]. Espólio Eurico Tomás de Lima. Departamento de Música (ILCH), Universidade do Minho, Braga.
- Leiria, C. (1941). *Arquivo Musical Português* (Vol. II). Lisboa: Edição do Autor (subsidiada pela Emissora Nacional de Radiodifusão).
- Leiria, C. (1942). *Arquivo Musical Português* (Vol. III) Lisboa: Edição do Autor (subsidiada pela Emissora Nacional de Radiodifusão).
- Leiria, C. (1943). *Arquivo Musical Português* (Vol. IV) Lisboa: Edição do Autor (subsidiada pela Emissora Nacional de Radiodifusão).

- Lessa, E. (2012). Música e expressão ideológica: A obra *Buchenwald* para piano solo de Eurico Tomás de Lima (1908–1989). In M. do R. Santos & E. Lessa (Eds.), *Música Discurso Poder* (pp. 57–66). V.N. Famalicão: Húmus / Braga: CEHUM.
- Lessa, E. (2007). Eurico Thomaz de Lima e a imprensa brasileira: Um caso feliz de recepção musical. *Revista Música*, 12, 165–174. <https://doi.org/10.11606/rm.v12i0.61765>
- Lima, E. (1940a, fevereiro 19). [Carta a António Eça de Queiroz – SPN]. Arquivo Nacional Torre do Tombo (PT/TT/SNI-RCP/C/16/1 – Secretariado Nacional de Informação, cx. 562), Lisboa.
- Lima, E. (1940b, abril 11). [Carta ao SPN]. Arquivo Nacional Torre do Tombo (PT/TT/SNI-RCP/C/16/1 – Secretariado Nacional de Informação, cx. 562), Lisboa.
- Lima, E. (1940c, maio 16). [Carta a António Ferro]. Arquivo Nacional Torre do Tombo (PT/TT/SNI-RCP/C/16/1 – Secretariado Nacional de Informação, cx. 562), Lisboa, Portugal
- Lima, E. *et al.* (1941, maio 25) [Carta ao SPN]. Arquivo Nacional Torre do Tombo (PT/TT/SNI-RCP/C/16/1 – Secretariado Nacional de Informação, cx. 562), Lisboa.
- Matos, V. (2020). Criação musical e paisagens sonoras: Obras de Eurico Thomaz de Lima (1908–1989) e Joaquim dos Santos (1936–2008). In E. Lessa, P. Moreira, & R. T. de Paula (Eds.), *Ouvir e escrever Paisagens Sonoras: Abordagens teóricas e (multi)disciplinares* (pp. 482–495). Braga: CEHUM / CM Braga.
- Melo, D. (2001). *Salazarismo e cultura popular (1933–1958)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Moreira, P. (2012). ‘*Cantando espalharei por toda a parte*’: Programação, produção musical e o “*aportuguesamento*” da música ligeira na Emissora Nacional de Radiodifusão (1934–1949). (Tese de doutoramento, UNL/FCSH, Lisboa).
- Ó, J. (1999). *Os anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a «Política do Espírito». 1933–1949*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Patrão, A. (2012). *Francisco Ribeiro: determinação e circunstância: cenas de um percurso de teatro, 1936–1960*. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- Paulo, H. (1994). *Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil*. Coimbra: Minerva.
- Pimentel, I. (2011). *A cada um o seu lugar, a política feminina do Estado Novo*. Lisboa: Editoras Temas e Debates e Círculo de Leitores.
- Ribeiro, C. (2017). A educação estética da Nação e a “Campanha do Bom Gosto” de António Ferro (1940–1949). *Estudos Ibero-Americanos*, 43(2), 289–302. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.24663>
- Rosas, F. (2019). *Salazar e os fascismos*. Lisboa: Tinta da China.
- Rosas, F. (1998). *O Estado Novo (1926–1974). História de Portugal* (Vol. 7). Lisboa: Editorial Estampa.
- Salazar, A. de O. (1939). *Discursos 1928–1934*. Coimbra: Coimbra Editora, Lda.
- Santa-Rita, A. (1939). *Relatório – Missões Culturais do S.P.N.* Arquivo Nacional Torre do Tombo (PT/TT/SNI-RCP/C/16/1 – Secretariado Nacional de Informação, cx. 562), Lisboa.
- Santos, G. (2004). *O Espectáculo desvirtuado: O teatro português sob o reinado de Salazar (1933–1968)*. Lisboa: Caminho.
- Silva, L. (1940). *Regulamento da Missão*. Espólio Eurico Tomás de Lima. Departamento de Música (ILCH) - Universidade do Minho, Braga, Portugal
- Silva, M. (2010). Música Erudita. In S. Castelo-Branco (Dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. (Vols. L–P, pp. 854–870). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Silva, M. (2005). «*La musique a besoin d’une dictature*»: *Musique et politique dans les premières années de l’Etat Nouveau (1926–1945)* (Thèse de doctorat, Université Paris 8, Paris).
- SPN (ca. 1940/1941). [Texto de uma palestra] PT/TT/SNI-RCP/C/16/1 – Secretariado Nacional de Informação, cx. 562.
- SPN (1941, fevereiro 9). [Ofício enviado ao Governador Civil do Distrito de Leiria]. Arquivo Nacional Torre do Tombo (PT/TT/SNI-RCP/C/16/1 – Secretariado Nacional de Informação, cx. 562), Lisboa.

Anexo 1. Missões Culturais de 1940: data, local e público

Março			Abril			Maio		
Dia	Local	Pub.	Dia	Local	Pub.	Dia	Local	Pub.
28	Soure	500	1	Cantanhede	800	1	Santa Comba Dão	150
29	Condeixa	800	2	Penacova	200	2	Mortágua	600
30	Figueira da Foz	450	3	Lousã	520	3	Cabanas (C. do Sal)	600
31	Buarcos	750	4/	Arganil	500	4	Nelas	500
			5	Oliveira do Hospital	350	6	Castendo	?
			7	Mealhada	400	7	Vila de Igreja	300
			8	Pampilhosa	500	8	Tarouca	200
			9	Anadia	1000	9	Cinfães	500
			10	Oliveira do Bairro	600	10	Lamego	1000
			11	Ílhavo	X	11/	Armamar	500
			12	Vista Alegre	550	13	Tabuaço	800
			13	Aveiro	750	14	S. João da Pesqueira	600
			15	Murtosa	600	15	Moncorvo	500
			16	Estarreja	600	16	Miranda do Douro	300
			17	Espinho	700	18	Bragança	700
			18	Vila da Feira	300	20	Vinhais	400
			19	S. João da Madeira	900	21	Torre D. ^a Chama	?
			20	Arouca	350	22	Mirandela	900
			22	Sever do Vouga	560	23	Vila Flor	600
			23	Oliveira de Frades	350	24	Alfandega da Fé	200
			24	S. Pedro do Sul	550	25	Carrazeda de Anciães	150
			25	Viseu	350			

Fonte: quadro elaborado pelo autor a partir dos registos em vários documentos.
PT/TT/SNI-RCP/C/16/1 – Secretariado Nacional de Informação, cx. 562.

Anexo 2. Missões Culturais de 1941: data, local e público

Março			Abril			Maió		
Dia	Local	Pub.	Dia	Local	Pub.	Dia	Local	Pub.
15	Almada	1000	1	Lagos	500	3	Porto	200
16	Barreiro	600	2	Portimão	1000	4	Leça da Palmeira	500
17	Seixal	400	3	Silves	500	5	Póvoa do Varzim	1500
18	Moita	700	4	Loulé	1000	6	Vila do Conde	150
19	Alcochete	200	5	Faro	550	7	Santo Tirso	700
20	Sesimbra	300	6	Olhão	300	8	Lousada	200
21	Setúbal	700	7	Tavira	450	9	Penafiel	400
22	Alcácer do Sal	600	8	Vila Real de S. António	800	10	Amarante	200
25	Grândola	350	12	Faro (2. ^a Sessão)	500	12	Celorico de Basto	150
25	S. do Cacém	500	13	Beja	250	13	Fafe	500
26	Sines	500	14	Moura	300	14	Guimarães	1200
			15	Serpa	300	15	Famalicão	500
			16/	Ferreira do Alentejo	500	16	Braga	1800
			17	Vidigueira	500	17	Póvoa do Lanhoso	200
			18	Viana do Alentejo	284	19	Barcelos	600
			19	Reguengos	200	20	Esposende	350
			20	Évora	850	21	Arcos de Valdevez	300
			21	Redondo	250	22	Monção	
			22	Vila Viçosa	150	23	Valença	700
			23	Estremoz	1400	24	V. Nova de Cerveira	300
			24	Borba	200	26	Caminha	X
			25	Arraiolos	500	27	Viana do Castelo	800
						28	Ponte de Lima	900
						29	Porto (2. ^a sessão)	1000

Fonte: quadro elaborado pelo autor a partir do caderno “Sebenta” de Eurico Tomás de Lima. Espólio de Eurico Tomás de Lima, Departamento de Música, Universidade do Minho.

[recebido em 9 de março de 2021 e aceite para publicação em 28 de junho de 2021]